

Construção Social do Trabalhador e Educação Profissional

Izabella Lacerda PIMENTA

Universidade Federal Fluminense/PPGA;
Rua Lambari, nº. 11, bairro Santo André, Belo Horizonte/ MG, CEP: 31210-540;
e-mail: izabellalacerda@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho refere-se à minha dissertação de mestrado em Antropologia, que tem por objeto as representações e práticas de alunos inseridos no processo de iniciação profissional proporcionado por escolas técnicas quanto à categoria trabalho, as expectativas e as relações destes estudantes com o mercado de trabalho. A pesquisa etnográfica foi realizada junto aos estudantes do turno da manhã e da noite do curso médio técnico de máquinas navais da Escola Técnica Estadual Henrique Lage localizada em Niterói/RJ, integrada à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC). É possível notar inúmeras divergências quanto às perspectivas profissionais dos alunos dos diferentes turnos, contudo há concepções compartilhadas quanto ao lugar do saber prático na formação profissional, por eles valorizado e que não é desenvolvido na escola.

Palavras-chave: Educação Profissional; Trabalho; Classe Trabalhadora.

A educação profissional é um tema caro à Antropologia devido à sua importância no cenário brasileiro contemporâneo, ganhando destaque principalmente com os massivos investimentos do Governo e interesses diversos e conflitantes, muitas vezes, por parte de empregadores privados ou públicos. A educação profissional não é um elemento que determina de maneira exclusiva a inserção do indivíduo no mercado de trabalho, pois o mundo do trabalho é continuamente dinamizado por transformações sociais das mais diversas ordens, como os avanços tecnológicos e a competição mercadológica que cresce em larga escala, sendo muito aguçada pelos mercados globalizados. Trata-se de entender como a cultura de classe trabalhadora é atravessada por um processo de dominação e como ela atua neste processo, não apenas no sentido de resistência à dominação, ou seja, como ela combina projetos individuais e questões objetivas que limitam os mesmos. A questão é compreender o trabalhador como alguém que atua no mundo social, construindo-o material e simbolicamente.

A escola técnica ocupa um espaço simbólico singular por, idealmente, basear-se não somente no eixo teórico, mas também no prático. O aprendizado da profissão na escola profissionalizante está necessariamente associado ao *fazer*. A escola profissionalizante, idealmente falando, é uma alternativa que mescla *teoria* e *prática*, o que implica disciplina e *responsabilidade*, valores básicos para os trabalhadores. Por conseguinte, “seja sob a forma institucional escola, seja sob a forma institucional fábrica, o que está em jogo ali é uma parte de um amplo processo de disciplinarização, em que impera uma racionalidade que deve ser incorporada pelos aprendizes” (Foucault, 1977 *apud* Guedes, 1997, p. 219), pois a “escola é a agência do controle face-a-face *par excellence*” (Willis, 1991, p. 89). No entanto, é possível observar a existência de cursos técnicos exclusivamente teóricos, como é o caso do

curso médio técnico em máquinas navais – que trabalha com a parte mecânica do navio – da Escola Técnica Estadual Henrique Lage em Niterói/ RJ.

Investigando os Aprendizes da Escola Técnica Estadual Henrique Lage

O objeto da pesquisa em questão consiste nas representações e práticas de pessoas de classe trabalhadora inseridas no processo de iniciação profissional proporcionado por escolas técnicas quanto à categoria trabalho, as expectativas e as relações destas pessoas com o mercado de trabalho. A investigação centra-se na importância do trabalho e da educação profissional a partir da trajetória de vida destas pessoas que tanto são produzidas pela sociedade quanto a produzem dentro de um contexto de determinações e escolhas.

Assim, realizei uma etnografia junto aos estudantes do curso de máquinas navais da Escola Técnica Estadual Henrique Lage, integrada à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), que por sua vez encontra-se vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia. Diante das diversas escolas profissionalizantes existentes no Grande Rio de Janeiro, a Escola Técnica Estadual Henrique Lage foi escolhida por se tratar de uma instituição de caráter estadual que vem merecendo menor atenção dos estudiosos em detrimento, por exemplo, aos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs). Ademais, a instituição, que tem 85 anos de existência, é uma escola técnica tradicional importante para a formação profissional e dinamização do mercado de trabalho dos municípios de São Gonçalo e Niterói, sendo concebida inicialmente como “Escola do Trabalho” (Guedes, 1997). Devido às parcerias com empresas como a Petrobrás, que irá instalar o Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro em Itaboraí, a Escola, que vem passando por reformas na estrutura física, irá desempenhar papel fundamental na formação e capacitação de trabalhadores de outros municípios próximos.

As unidades de análise social da pesquisa foram as turmas do 3º ano do turno da manhã e da noite do curso médio técnico em máquinas navais, escolha norteada também pelo fato do curso ser exclusivamente teórico. Para tanto, lanço mão do recurso metodológico da trajetória de vida, uma trajetória vista como individual e coletiva, ou seja, a trajetória do indivíduo em processo de formação e iniciação profissional, delineando percursos coletivos, mesmo que sejam percebidos e vividos individualmente.

A etnografia, por ser uma descrição de parte da vida social no seu processo contínuo de recriação (Guedes, 1997), requer um acompanhamento do cotidiano ou de parte do cotidiano dos pesquisados. A pesquisa esteve calcada na observação participante. Privilegiei, a observação continuada ao longo das aulas e atividades extra-classe, o contato intenso com certos informantes e as entrevistas gravadas. A proposta foi o acompanhamento minucioso de alguns estudantes selecionados das turmas, privilegiando-se o contato informal e freqüente, dentro e fora da Escola, não apenas com os estudantes, mas também com seus professores, inspetores, outros funcionários da escola, familiares e amigos

destas pessoas durante, aproximadamente, seis meses de pesquisa de campo. Realizei entrevistas abertas com roteiros, mas simultaneamente, me permitia e privilegiava ser conduzida pelos entrevistados.

A turma da manhã é composta por 27 alunos, sendo 24 homens e 3 mulheres, uma turma majoritariamente masculina, assim como a maioria das turmas da Escola Henrique Lage, sobretudo nos cursos de máquinas navais. A turma da noite, inicialmente ela era composta por aproximadamente 58 alunos, porém hoje em dia a turma é constituída por apenas 10 alunos, sendo 8 homens e 2 mulheres, uma turma também majoritariamente masculina. O pequeno número de alunos não é algo exclusivo desta turma, mas de praticamente todas as turmas noturnas do ensino técnico que têm o ensino médio concomitante. A taxa de evasão é mais acentuada à noite porque “*o pessoal trabalha e às vezes não dá conta de trabalhar e também estudar.*” (Fernando) A turma da noite é composta por um público mais velho, apenas três alunos têm entre 17 e 19 anos. Ao contrário, a turma da manhã é composta exclusivamente por pessoas entre 16 e 19 anos.

O fato dos estudantes da turma da manhã serem pessoas que dependem financeiramente da família acaba por afastar a idéia do casamento, mesmo para os poucos que namoram. Eles privilegiam o término dos estudos e a sonhada independência financeira a ser conseguida através de um emprego formal com carteira assinada, antes disso, contudo, almejam estagiar para se tornarem *técnicos de verdade*. Os três alunos que trabalham não contam com remuneração suficiente para a própria subsistência, assim como o único aluno que faz estágio, o que libera o dinheiro ganho para gastos pessoais ou ocasionais *ajudas* (Guedes, 1997). O trabalho para estas pessoas pode não ser capaz de gerar renda suficiente para a independência em relação aos pais, contudo ele traz consigo *responsabilidade* e aproxima estas pessoas da vida adulta, já que “(...) ter dinheiro é muito importante para se afirmar em relação aos colegas, em relação às meninas, para poder sair com os colegas e com as meninas, portanto para ser reconhecido como um ‘homem’.” (Bourdieu, 1978, p. 115). Ainda neste sentido, a mãe de Douglas afirma ter colocado o filho na escola técnica para *já sair com uma profissão*, principalmente por ele ser homem. Para ela, “*o jovem precisa trabalhar, quer levar uma namorada no cinema, quer comprar presente, isso e aquilo. A mulher, a mãe até dá... e o homem? Então, não é só ficar de mesada. Até quando vai ficar de mesada?*” (Marta)

A maioria das famílias dos estudantes pode ser considerada como pertencente ao segmento médio de classe trabalhadora, configurando uma pequena classe média. Este segmento específico desfruta de certa estabilidade e certo nível de qualificação profissional, possibilitando oferecer melhor nível de escolaridade aos filhos, bem como meios para usufruir melhor de tal escolaridade. Dentre estes meios estão a escola particular na infância, os cursinhos de línguas estrangeiras, o computador em casa com internet, entre outros. O investimento na educação é valorizado e as famílias projetam o futuro dos filhos tendo a educação como um parâmetro básico para a ascensão social. Muitos alunos que foram orientados pelos pais a estudar na Escola Henrique Lage apresentam um histórico familiar ligado à profissão técnica.

Obter um estágio é condição *sine qua non* para conseguir o *status* de técnico em máquinas navais, posição profissional que finalmente se consegue através do registro junto ao Conselho Regional de Engenharia Agronomia do Estado. *Ter um CREA* é a última etapa do processo de se tornar um técnico, mas os planos de futuro dos estudantes não ficam restritos à carreira técnica.

Ser técnico é, para os estudantes pesquisados, uma oportunidade de *ser alguém na vida*. Por outro lado, para este segmento da classe trabalhadora, *ser alguém na vida* também envolve a formação a nível superior, aquela que é adquirida nas universidades e faculdades. Definitivamente, a realização de um curso na *faculdade* aparece nos discursos dos alunos das duas turmas como o mais relevante dos planos de futuro.

A Escola Técnica Estadual Henrique Lage não é uma instituição voltada para a preparação exames como o vestibular. Um dos meios encontrados pelos pais e pelos próprios estudantes para *passar no vestibular* é o curso pré-vestibular. Além do vestibular, o ENEM¹ é uma alternativa para a realização do curso superior, vivenciada por muitos estudantes de ambas as turmas. Na turma da manhã foi possível encontrar pessoas interessadas em *passar numa federal*, mesmo sabendo da dificuldade maior dos processos seletivos e da deficiente na formação adquirida na escola em termos de ensino médio. Nestes casos, estas pessoas, reconhecendo esta deficiência, planejam fazer um *pré* após a conclusão do curso. Outros pensam em trabalhar primeiro como técnicos e *ver o que esse curso vai oferecer como emprego, como renda, se vai ser bem remunerado, pra depois fazer a faculdade*. Nenhuma pessoa da turma da noite cogitava a idéia de estudar em uma universidade pública, justamente pela dificuldade de ser aprovado no vestibular e pelo fato da dedicação, praticamente exclusiva aos estudos.

A engenharia é uma área tradicional do conhecimento e tem um forte componente corporativo e credencialista – um componente de status, na medida em que “o título em si mesmo é uma instituição” (Bourdieu, 1998, p. 149). A engenharia, seja ela qual for, aparece como o curso que mais atrai os alunos, independente do turno e da idade, mesmo aqueles que não têm predileção pela matemática ou que não gostam do curso.

Os estudantes reconhecem que o processo seletivo para o ingresso numa instituição de ensino superior particular é menos rígido para o curso de engenharia e ao mesmo tempo viabiliza o trabalho durante o dia e o estudo durante a noite, estando de fato no campo de possibilidades destas pessoas (Velho, 1994). Assim, alguns pais chegam a mencionar o desejo de colocar o filho numa faculdade particular de engenharia, mesmo que para isso tenham que diminuir as despesas, procurar uma *promoção* na faculdade ou mesmo contar com a *ajuda* financeira advinda do trabalho do filho.

Os cursos complementares ocupam um lugar menos privilegiado, contudo aparecem nos planos de futuro, especialmente no que se refere à aquisição da prática, mas no turno da noite apenas os cursos

¹ Exame Nacional do Ensino Médio – é uma prova criada pelo Ministério da Educação do Brasil para servir como uma ferramenta a favor da avaliação da qualidade geral do ensino médio no país.

de língua estrangeira, especialmente de língua inglesa, são citados. *Saber inglês* é ter um *diferencial de mercado* e é uma condição prévia para os que desejam *trabalhar embarcado* em empresas multinacionais que apresentam maiores chances de *crescimento e reconhecimento profissional*.

Correr atrás é uma expressão recorrente nos discursos sobre os planos de futuro profissional dos estudantes de ambas as turmas, pois é preciso *lutar e investir com garra para ser alguém na vida*, o que é um *sacrifício*. As relações pessoais não são desprezadas na hora de conseguir um estágio ou um emprego. Para eles, é importante ter um *padrinho, alguém para te indicar numa empresa* porque conseguir um estágio não é uma tarefa fácil, principalmente porque as empresas sabem que os estudantes do Henrique Lage *não têm a parte prática*.

Para estes estudantes, o trabalhador é o responsável por sua própria empregabilidade, que consiste em *correr atrás e conseguir qualificação*. Tal fato implica um interminável *correr atrás*, isto é, continuar somando esforços individuais capazes de aumentar e ampliar as *qualificações* através do estudo e, por conseguinte aumentar as chances de manutenção do emprego e de *subir na empresa*, alcançando cargos superiores. A noção de que o indivíduo é a figura central da empregabilidade está relacionado intimamente com o paradigma básico de ensino, no qual a escola reforça a idéia do sucesso individual. Com isso, há uma generalização na escola, que parte de uma lógica individualista para uma de grupo. Todavia, “para a classe como classe, o gradiente acadêmico e ocupacional mede não capacidades, mas simplesmente sua própria e inalterável repressão.” (Willis, 1991, p. 164)

Algumas Representações sobre o que é Ser Técnico

A compreensão a respeito do que é ser técnico para pessoas inseridas no processo de iniciação profissional proporcionado por escolas técnicas, necessariamente, envolve representações fundamentadas na oposição “saber prático x saber teórico”. As concepções sobre o “saber prático” ocupam uma posição central na construção social dos trabalhadores urbanos brasileiros. A importância deste saber reside no fato do mesmo ser considerado como um atributo distintivo dos trabalhadores, configurando, na verdade, um patrimônio próprio (Guedes, 1997, 2000). Quem possui este patrimônio são aqueles estudantes que têm ou tiveram alguma experiência prática acumulada na área e que conseguem traduzir verbalmente este patrimônio e, de certa forma, o exibem orgulhosamente através da participação e do estabelecimento de diálogos junto aos professores das disciplinas técnicas, diferentemente daqueles que têm que *vencer a dificuldade de aprender o motor no papel*.

A transmissão do saber prático envolve um processo de socialização vertical entre gerações, ou seja, uma “pedagogia nativa”, na qual se concentram os esforços sobre o neófito no que se refere ao aprendizado da profissão (Guedes, 2000). Esta transmissão não ocorre através de doutrinas formais, o que favorece o aprendizado, tornando-o mais acessível aos trabalhadores que rejeitam a cultura letrada. Mas, por outro lado, exige *esforço* individual, *manha*, astúcia e *humildade* acima de tudo porque

mesmo tendo o segundo grau técnico ele terá que aprender com o *peão*, qualificado especialmente por *saber fazer*:

O curso apenas é capaz de dar *noções boas*, pois *técnico você se torna*, é um processo que exige *dedicação e vontade de aprender no trabalho*, momento no qual realmente se aprende *vendo, ouvindo, mexendo e fazendo*. Ainda, a prática associada à *dedicação* constitui um elemento na ascensão profissional.

A ausência de laboratórios, oficinas ou mesmo visitas técnicas na grade curricular do curso apresenta-se como um problema central na vida dos estudantes, exceto para aqueles que entraram na escola já sabendo a *prática*. Para os estudantes *mais práticos* a inexistência de aulas práticas faz com que os colegas cheguem ao final do curso sem saber o que é a profissão, que não tem como ser aprendida apenas no *papel*. O laboratório é um importante lócus da prática porque possibilita ver *as paradas acontecendo*, sem este espaço o aluno precisa imaginar muito para entender.

Como o trabalho do técnico em máquinas navais está permeado pelo perigo e pelo risco de vida, o trabalhador tem que ter *responsabilidade*. A categoria *responsabilidade* é recorrentemente trabalhada nas etnografias de cultura de classe trabalhadora. Neste caso, a *responsabilidade* aparece atrelada a variadas dimensões do trabalho.

A posição intermediária do técnico, fundamentada pela combinação idealmente equilibrada entre a *prática* e a *teoria*, o permite participar, de alguma maneira, tanto dos trabalhos realizados pelo *peão* quanto dos trabalhos realizados pelo engenheiro. Assim sendo, é possível que o técnico, em projetos de pequeno porte, assuma toda a *responsabilidade*. Em casos como este, o engenheiro passa somente a supervisionar o projeto, interferindo na concretização do mesmo apenas diante do surgimento de problemas mais específicos, cujas soluções fujam à competência do técnico. Por outro lado, esta mobilidade do técnico suscita a construção de possíveis oposições entre as três categorias profissionais envolvidas.

A atuação profissional do engenheiro é desvalorizada porque sua formação é vista pelos estudantes pesquisados como exclusivamente fundamentada pela teoria. De acordo com Guedes (2000), o *diploma*, para este segmento de classe trabalhadora, é visto como resultado de um saber que não se construiu no *fazer* e não capacita para atuações concretas. *Ser de papel e caneta* significa não estar apto a lidar com o *fazer*, o que gera uma desvantagem para este profissional no *campo*.

O técnico precisa ter *humildade para aprender com o peão*. Esta relação, portanto, envolve uma diferenciada dose de respeito entre as partes. O “saber prático” do técnico é imprescindível como um instrumento de controle do trabalho do *peão*, porque nesta ocasião, como diz Izadora, “*não adianta chegar e mandar o peão fazer uma coisa que você não sabe corrigir*.” Destarte, os estudantes pesquisados, em determinadas ocasiões, admitem que o técnico, por estar numa posição profissional acima do *peão*, tem autoridade para mandar e interferir na realização do seu trabalho, especialmente quando *tem cerão e a peozada começa a trabalhar mais devagar*, já que tentam obter o controle

informal do processo de trabalho (Willis, 1991). Como a *peaozada é foda*, isto é, tem *menos disciplina e responsabilidade*, o técnico dentre outras coisas, tem que *colocar limites* e *exigir o resultado do serviço*.

Considerações Finais

O ponto de vista dos estudantes pesquisados a respeito da escola técnica são configurados a partir de concepções ideais a respeito deste tipo de instituição, que deveria equilibrar conhecimentos práticos e teóricos, mas o curso médio técnico em máquinas navais oferecido pela Escola Técnica Estadual Henrique Lage é exclusivamente teórico. Para os estudantes, o curso não forma *técnicos de verdade*, na medida em que deixa de conceber o “saber prático” como base. Assim sendo, aqueles estudantes que não possuem a *prática*, algo essencial nesta formação, não somente anseiam, mas também *correm atrás* de cursos complementares. Já os alunos detentores de experiência prática sentem esta formação incompleta de modo diferente e percebem o curso técnico como um *complemento*, pois já se consideram como *técnicos de verdade* graças à acumulação de “saber prático”. A certificação é, para eles, apenas um meio para serem reconhecidos no mercado enquanto *técnicos de verdade* ou mesmo uma chance de concluir o segundo grau tendo algum diferencial em relação às pessoas que fazem apenas o ensino médio e têm que *fazer faculdade* para *ser alguém na vida*, ou seja, ser reconhecida profissionalmente através de uma certificação valorizada socialmente.

Os estudantes pesquisados, assim como suas famílias e professores, reconhecem o lugar social do técnico de forma ambígua porque percebem este profissional como *uma ponte* entre o peão e o engenheiro. É neste sentido que os estudantes pesquisados sonham em *fazer faculdade* para ser engenheiros e atingir o patamar mais alto na hierarquia profissional a qual estão remetidos. De outro modo, também sonham em deter toda a *prática* do peão, que sabe *lidar* com situações reais e concretas porque são os verdadeiros *donos da situação*.

As mulheres que pesquisei imaginam ter dificuldade no momento de aquisição da *prática* através do estágio obrigatório. Elas afirmam que as empresas costumam contratar as mulheres apenas para trabalhar no *escritório* e não no *campo*, algo que limita o campo de atuação, já que elas, em razão da menor força física, não são consideradas tão aptas quanto os homens para trabalhar *botando a mão na massa*.

Ser técnico é uma oportunidade de *ser alguém na vida*, o que também envolve a formação a nível superior. Definitivamente, a realização de um curso na *faculdade* aparece nos discursos dos estudantes como o mais relevante dos planos de futuro. A engenharia aparece no discurso dos alunos e dos pais como uma profissão ideal e “credencialista”. A faculdade particular está situada no “campo de possibilidades” destas pessoas, permitindo conciliar estudo e trabalho, algo extremamente almejado por estas pessoas que desejam *ter seu próprio dinheiro*.

Correr atrás para ser alguém na vida implica se posicionar enquanto pessoas que têm ideais,

como indivíduos que sempre estão tentando encontrar soluções no sentido de enfrentar as adversidades impostas pelo contexto estrutural em que estão inseridos. *Correr atrás* é tentar, de forma individual, sair da inércia imposta pela reprodução da estrutura de classes. É isso que estas pessoas fazem, é tentar achar uma forma individual de estar no mundo. As pessoas que pesquisei não vivem totalmente condicionadas por uma rígida estrutura social que os obriga a seguirem sólidos padrões em termos de produção e reprodução do indivíduo trabalhador, haja vista que há sempre um espaço limitado, mas aberto a projetos individuais. Ademais, este segmento de classe trabalhadora, através da escolaridade, por exemplo, acaba ganhando certa mobilidade social.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1998.

_____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1978.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica – *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico*. Brasília, novembro de 1999. Disponível em: < <http://www.mec.gov.br/semtec/educprof/ftp/ceb016.doc> > Acesso em 10 de fevereiro de 2008.

GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de Corpo: um Estudo de Construção Social de Trabalhadores*. Niterói/RJ: EDUFF, 1997.

_____. *O saber prático e o ensino profissionalizante para os trabalhadores do Rio de Janeiro* – Brasil. III CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA DEL TRABAJO, Buenos Aires, 2000.

MACIEL, Cláudia Monteiro. *O lugar da Escola Técnica frente às aspirações do mercado de trabalho*. 2005. 116f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro.

MOTTA, Vera Lúcia Monteiro. da. *Caminhos e Descaminhos do Ensino Técnico de 2º Grau: o caso da Escola Técnica Estadual Henrique Lage*. 1992. 94f. Monografia (Curso de Especialização em Metodologia de Ensino Superior) - Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Niterói – RJ.

PIMENTA, Izabella Lacerda. *A Construção Social de Trabalhadores através da Educação Profissional: tentando “ser alguém na vida”*. 2009. 144f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Niterói - RJ.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Daise Batista. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1991.